

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
ESCOLA DE BELAS ARTES
CURSO DE ARTES VISUAIS

BRUNA MARIA ROCHA MACHADO PEREIRA

O Jogo: *um convite para o espectador refletir,
poemar, e escrever sobre imagens*

BELO HORIZONTE
2013

Bruna Maria Rocha Machado Pereira

O Jogo: um convite para o espectador refletir,
poemar, e escrever sobre imagens

Trabalho Acadêmico de Conclusão de Curso, requisito
parcial para obtenção do grau de Bacharel em Artes Vi-
suais, Habilitação em Gravura do Curso de Artes Visuais.

Orientadora: Profa. Tânia de Castro Araújo

Belo Horizonte
2013

Bruna Maria Rocha Machado Pereira

O Jogo: um convite para o espectador refletir,
poemar, e escrever sobre imagens

Trabalho Acadêmico de Conclusão de
Curso, requisito parcial para obtenção
do grau de Bacharel em Artes Visuais,
Habilitação em Gravura do Curso de Ar-
tes Visuais.

LISTA DE IMAGENS

Figura 1- André Viana , <i>Fernanda Toledo</i> , 2012, fotografia	3
Figura 2 - Matheus Pardini, <i>Matheus Pardini</i> , 2011, fotografia.....	3
Figura 3 - Bruna Maria, <i>Jovian Alves</i> , 2012, fotografia.....	3
Figura 4 - <i>Ana Carolina</i> , 2010, fotografia.....	3
Figura 5 - <i>Elizangela Fernandes</i> , 2012, fotografia	3
Figura 6 - <i>Izabella Rocha</i> , 2011,fotografia.....	3
Figura 7 - Andy Warhol , <i>Marilyn Diptych</i> ,1962,serigrafia.....	6
Figura 8 - Andy Warhol, <i>Paintin Elvis Presley</i> ,1960, serigrafia.....	7
Figura 9 - Bruna Maria, <i>Fernanda</i> , 2012, serigrafia 35x21 cm.....	9
Figura 10- Bruna Maria, <i>Matheus</i> ,2012, serigrafia 35x21 cm.....	11
Figura 11- Bruna Maria, <i>Jovian</i> ,2012, serigrafia 35x21 cm.....	13
Figura 12- Bruna Maria, <i>Carol</i> ,2012,serigrafia 35x21 cm.....	14
Figura 13 - Bruna Maria, <i>Lili</i> , 2012, serigrafia 35x21 cm.....	15
Figura 14 - Bruna Maria, <i>Bella</i> , 2012, serigrafia 35x21 cm.....	16
Figura 15 - Bruna Maria, <i>Cadernos de bordo</i> ,2013,fotografia.....	18
Figura 16 - Bruna Maria,Série Postais <i>Meu caro amigo</i> 2012-2013, fotografia.....	18
Figura 17 - Fernanda Toledo, <i>Enviadas</i> ,2013, fotografia.....	19
Figura 18 - Bruna Maria, Série <i>Grande Encontro</i> , 2013,fotografia.....	20
Figura19 - Bruna Maria, Série <i>Grande Encontro</i> ,2013, fotografia	21
Figura 20 - Bruna Maria, <i>Postais</i> ,2013, Serigrafia.....	23
Figura 21 - Fernanda, <i>Cadernos de Bordo</i> ,2013.....	24
Figura 22 - Matheus, <i>Cadernos de Bordo</i> ,2013.....	25
Figura 23 - Jovian, <i>Cadernos de Bordo</i> ,2013.....	25
Figura 24 - Bruna Maria, <i>Postais</i> ,2012,serigrafia 14x10,5.....	26
Figura 25 - Bruna Maria, <i>Postais</i> ,2012,serigrafia 14x10,5.....	26
Figura 26 - Bruna Maria, <i>Postais</i> ,2012,serigrafia 14x10,5.....	26

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	1
O JOGO	4
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	27
REFERÊNCIAS.....	29

*“Arte não é adorno,
Palavra não é absoluta,
Som não é ruído,
e as Imagens falam.”*

Augusto Boal

APRESENTAÇÃO

O ato criador não é executado pelo artista sozinho; o público estabelece o contato entre a obra e o mundo exterior, decifrando e interpretando suas qualidades intrínsecas e, desta forma, acrescenta sua contribuição ao ato criador. (DUCHAMP, 2004)

O olhar ansioso do espectador se perde diante da obra, na busca desesperada de um sentido que possa ser traduzido na fala. É sempre a mesma interrogação: o que ela significa? O que quer dizer o artista?

Com a ajuda da imaginação, o olhar do espectador descobre um mundo, onde os sentidos pousam e descolam. Tudo pode ser acrescentado à obra, mas ela está sempre se deslocando para outras possibilidades de significação.

Entre o objeto de arte e o espectador existe uma experiência. Há um poder em inventar sentidos sobre o que se vê. O olhar responde às suas provocações desenhando imagens imaginárias, cujos contornos não são reflexos de verdades prévias, mas a realização do espetáculo de repreender a ver.

Em uma época como a nossa em que a noção de autoria passa por mudanças profundas, enfatizar a dimensão criativa da recepção pode ser o começo de uma conversa interessante.

O incessante questionamento do papel que o espectador exerce sobre a obra foi o ponto de partida para a realização deste projeto.

O tema da percepção percorreu a arte de quase todo o século XX. Marcel Duchamp já afirmava que *é o espectador que faz a obra e a arte nada tem a ver com a democracia*, o que indicava uma preocupação com a recepção. Sem dúvida, foi a partir de sua obra que as coisas mudaram de modo mais evidente no mundo da arte. Transferindo alguns objetos corriqueiros para galerias e designando-os objetos de arte, ele realiza o gesto artístico mais radical e, ao mesmo tempo, banalizante do século XX.

A partir de Duchamp não há mais nada a priori que garanta o estatuto artístico: não há materiais e processos de formalização delimitadoras da obra, nem hierarquias temáticas como havia dentro de uma lógica representativa. A liberdade instaurada pelos românticos, de que não há nada a ser representado pela arte e que, no limite, cabe a ela reinventar-se a cada vez, ganha aí seu lance mais radical. A era da crítica coincide com este momento em que se assume

positivamente a liberdade como exercício experimental no qual todos “se engajam nas atividades de expressão, discussão e decisão”.

Incomodada com as questões: um objeto artístico somente é uma obra de arte quando determinadas pessoas que ocupam certas posições socialmente identificadas – que a teoria chama de “representantes do mundo da arte” - lhe outorgam esse *status*? Ou ainda: Para que um objeto artístico seja uma obra de arte, os representantes do mundo da arte devem reconhecê-lo como tal? Os artistas criam, mas é preciso um representante do mundo da arte para legitimá-la como uma obra arte?

E o espectador? Por que não ele? Porque sua interpretação, sua vivência estética não pode ser levada em conta, uma vez que o artista é essencialmente espectador de sua obra? Poderia existir arte sem que houvesse: artista-obra-observador?

Com esse trabalho, busco entender um pouco essas questões e tento identificar o local do espectador, e o papel que este ocupa perante o artista e seu trabalho.

Trago essa proposta quase que como um trabalho de campo, onde investigo rastros da vivência estética de um público que não está diretamente ligado à arte tentando compreender como se dá essa experiência sensorial.

O projeto se inicia com a escolha de pessoas que estão em contato direto e prolongado com imagens produzidas por mim e, a partir delas, haveria um exercício de reflexão sobre essa vivência.

A escolha dos participantes foi feita levando-se em consideração dois critérios: a sua bagagem cultural e história pessoal, e a não “a experiência estética formal” do grupo.

Convidei seis amigos que atuam em diferentes áreas de conhecimento, dentre os quais um que possui experiência direta com a arte (teatro), dois que possuem grande curiosidade sobre o assunto, e três, posso dizer, que são completamente “leigos”.

Irei identifica-los aqui pois pretendo citar seus comentários em alguns momentos deste texto.



Fernanda
Estudante de psicologia e teatro



Matheus
Estudante de engenharia



Jovian
Estudante de Direito



Ana Carolina
Médica



Elisangela Fernandes
Mestranda em Ed. Física



Izabella Rocha
Enfermeira

Pela heterogeneidade do grupo poderemos imaginar a diversidade de percepções a partir da experiência estética proposta.

O JOGO

É nesse momento que vem à tona a angústia em tentar entender como a obra se faz no instante em que sai do domínio do artista, seu observador primeiro, e se coloca a mercê de todos os possíveis e diferentes olhares. Boal (2009, p.22) escreve: *Arte é o objeto, material ou imaterial. Estética é a forma de produzi-lo e percebê-lo. Arte está na coisa; Estética, está no sujeito e em seu olhar.*

Acredito que o espectador formula estratégias de apreensão e entendimento da obra de arte a partir de sua bagagem cultural, memórias e vivências, ou seja, da sua história pessoal, que muitas vezes é isenta de um conhecimento específico do assunto.

O livre jogo da imaginação e do entendimento kantiano é a superação das hierarquias e do determinismo no juízo estético, assumindo que qualquer um pode ser tocado pelo sentimento que define a experiência estética (OSORIO, 2011, p.223)

Mas como participar dessa experiência, à distância? Como entender a percepção do grupo? É daí que surge a ideia dos cadernos de bordo onde cada participante poderia registrar, sua percepção do trabalho.

Não se trata de tirar o espectador do seu lugar, dotando-o do poder de agir (OSORIO, 2011 p.233), mas tentar entender a sua relação com a arte - a de afetar e ser afetado por ela.

Na leitura Kantiana é interessante compreender a *experiência estética como fundadora de uma abertura singular do sujeito ao mundo e aos outros. É como se os fenômenos surgissem diante de nós sem que fossem determinados em sua maneira de ser por uma expectativa do entendimento.*"(OSORIO, 2005, p23) A vontade de comunicar-se depois do impacto de uma obra, de compartilhar sua vivência é uma forma natural de responder às experiências estéticas.

Meu trabalho propõe mudança, transformação, tem por objetivo encurtar a distância entre criador e espectador, seja através do apreço ou do espanto, da alegria ou dor, do incomodo ou bem-estar, mas principalmente pelo desabrochar daquilo que nem sequer sabemos nomear, mas existe intensamente em nós.

Tomada pelo desafio de interpretar as diferentes personalidades de cada participante do “jogo”- expressão usada por um deles para denominar essa experiência: -“... *esse jogo despertou em mim uma diversão antiga... escrever, poemar, filosofar, refletir...*”(FERNANDA, 2013)- optei por realizar uma releitura de seus retratos.

Cada um dos “jogadores” foi dotado de liberdade na escolha da sua imagem, porém sem o conhecimento de sua finalidade. A única exigência era que fossem retratos – formatos 3X4 ou outro. Dois dos participantes tiveram suas imagens “roubadas” por mim em uma rede social, um por eu temer não querer participar, e outra por não responder aos e-mails onde havia solicitado as imagens. Outro participante pediu-me para fotografá-lo, os demais participantes do jogo enviaram por e-mail diversos retratos que atendiam à proposta, possibilitando-me a escolha. Apenas uma enviou-me uma foto 3x4.

“Não imaginei que fosse fazer algo tão... sei lá... elaborado e bonito com as fotos que havia pedido tão despretensiosamente.” (Fernanda)

Seria intrigante entender como estes se veriam diante da minha interpretação, e como ela os alcançaria. Neste momento assumo o desafio entre artista, obra e observador.

“É bom e estranho, ao mesmo tempo me reconhecer neste retrato e ver também como sou enxergado.” (Matheus)

A serigrafia foi a modalidade de gravura utilizada para a produção dessas imagens, devido à sua popularidade desde o fim da década de cinquenta, com a *Pop Art*, movimento artístico voltado para a apropriação e o reprocessamento de imagens populares e de consumo. A *Pop Art* propunha que se admitisse a crise da arte que assolava o século XX, desta maneira pretendia demonstrar com suas obras a massificação da cultura popular.

“A trivialidade tornou-se, assim, um assunto de interesse geral, tema de conversa de salão abordado por todas as classes sociais. Seguir-se-á, evidentemente um questionar das noções artísticas e culturais válidas até aí. A arte elitista do expressionismo abstracto e o subjectivismo dos anos 40 e 50 viam-se confrontados com as necessidades culturais de ordem mais geral.”
(OSTERWOLD, 1994, p.7)

À medida que novos artistas aderiram ao estilo, parece começar a haver uma compreensão maior de seus objetivos de exploração dos potenciais da arte gráfica comercial, principalmente notado no trabalho de Andy Warhol. Há ainda certo pessimismo na arte pop, talvez personalizado por Warhol, com sua repetição de imagens banais e crença na fama instantânea e passageira que todo homem pode vir a ter. Andy Warhol: “No futuro toda a gente será famosa durante quinze minutos.”

Assim como a indústria da cultura explora a imagem do ídolo até seu total esvaziamento, Andy Warhol criou uma série de imagens de personalidades da mídia, que com um estilo neutro e documental transmitia a impessoalidade e o isolamento que caracterizam a fama. O desinteresse fotográfico num sorriso forçado, estereotipado, as cores vibrantes que tornam o artista uma caricatura, uma artificialidade assumida.

Contudo, os ídolos se desgastam. Marilyn, assim como Elvis, aparece nos primeiros quadrantes de Warhol radiante e cheia de cores, enquanto que, no decorrer da tela, sua mesma imagem perde cor, passa para o preto e branco e, enfim, sugere desaparecer. Assim são as figuras da cultura de mídia. Por um instante nos parecem projetar o sucesso e a glória, com o tempo perdem o seu glamour.



Figura 7 - Andy Warhol, *Marilyn Diptych*, 1962, serigrafia

Com isso, a indústria a retira de cena e a relega ao ostracismo frustrante, elegendo outras para ocupar o seu lugar. Indica a forma geral com que os ícones das massas se apresentam na mídia.

“Eles necessitam se sujeitar a um comportamento plastificado frente às telas e às câmeras; a exigência de um sorriso constante e a aparência de estarem sempre felizes e à vontade com aquele veículo que lhes abre as portas para a fama. A tela que se contenta com a superficialidade do ídolo, sem dar brechas para a expressão do seu interior.” (COSTA, 2010 ,p.4)

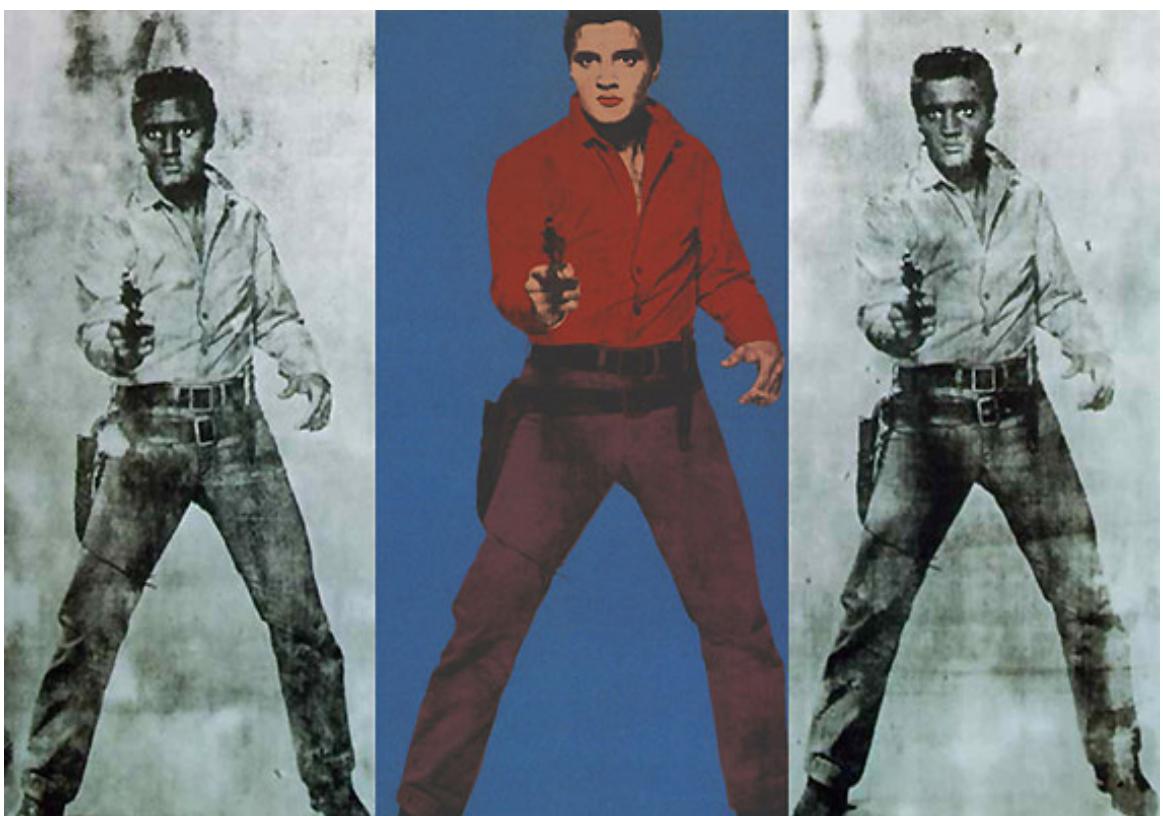


Figura 8 - Andy Warhol, *Paintin Elvis Presley*, 1960, Serigrafia.

“Mesmo assim, percebo uma ponta de vazio, a ser preenchido em todos. O ser humano é assim, pelo menos aqueles que não são rasos. (...) me alegra ao perceber pelos olhares de cada um, o quão além estamos.” (Matheus)

A escolha do repertório justifica-se pelo profundo desejo de expandir a arte, despertar o interesse e a curiosidade naqueles que ainda não foram tocados por ela. Além de tentar compartilhar com os meus amigos um pouco do meu universo.

A maneira encontrada para alcançá-los foi através da representação em alto-contraste, de forma descontraída, com cores bem vibrantes e expressivas que remetiam à *Pop Art*. Tinha certeza que imediatamente recordariam de algum trabalho de Andy Warhol, e ao mesmo tempo, se surpreenderiam por estarem se vendo nas imagens.

Quando lemos imagens – de qualquer tipo, sejam pintadas, esculpidas, fotografadas, edificadas ou encenadas –, atribuímos a elas o caráter temporal da narrativa. Ampliamos o que é limitado por uma moldura para um antes e um depois e, por meio da arte de narrar histórias sejam de amor ou de ódio, conferimos à imagem imutável uma vida infinita e inesgotável. (MANGUEL, 2001, p.27).

E agora, qual seria o desafio proposto ao observador que passa a questionar sua imagem diante de quem o observa como indivíduo e como obra? Identificariam-se com a minha leitura?

“Essa minha face, meio luz, meio sombra ainda me intriga.” (Matheus)

Para realizar as imagens, recorri às cores, pois a elas atribuímos tanto uma realidade física como uma realidade simbólica. Manguel (2001, p.49) dizia: *“Visto que toda cor é identificada em palavras, nenhuma cor, nenhum sinal é inocente.”*

Em outras palavras, as cores são fisicamente agradáveis ou desagradáveis em si mesmas, mas são também emblemas do nosso relacionamento emocional com o mundo.



Figura 9 - Bruna Maria, *Fernanda*, 2012, serigrafia, 35x21cm

Acredito que quando o artista, ou qualquer pessoa em qualquer lugar, por qualquer motivo, escolhe as cores tanto para colorir a sua obra, quanto para vestir-se ou com outra finalidade, [...] seu espírito utiliza consciente ou inconscientemente o resultado de escolhas e opções milenarmente preparadas para este instante mágico. Cada cor traz consigo uma longa história que não pode ser desconsiderada. (PEDROSA, 1977, p.107)

A principio realizei um estudo de cores, combinadas esteticamente, porém, durante a produção das serigrafias fui levada a escolhe-las intuitivamente, na tentativa de, através da minha percepção trazer para a imagem um pouco da identidade de cada um dos modelos.

Após a escolha, muitos me indagaram o porquê de cada cor e, alguns acharam que não poderiam ter sido melhor representados por elas.

“Minha cara é realmente minha cara, mais pelo azul do que pelo laranja. Laranja que me espantou, não é que ficou bom!? Já o azul, ah o azul..”.(Matheus)



Figura 9 - Bruna Maria, *Matheus*, 2012, serigrafia, 35x21 cm

Foi curioso perceber como as cores se assemelhavam à personalidade de cada um deles, quando surgiram vários comentários como o de uma irmã dos participantes com relação a outro do grupo: “*O Jovis tinha que ser rosa!*” Percebo que a cor está no âmbito da subjetividade, mas para o senso comum elas de fato apresentam diversas significações.

Recorrendo ao significado de cada cor a partir da leitura de Kandinsky percebo como foi certeira a minha escolha.

“As cores claras atraem o olhar e retêm-no. As claras e quentes fixam-no ainda com mais intensidade; tal como a chama que atrai o homem com um poder irresistível, também o vermelhão atrai e irrita o olhar. O amarelo limão vivo fere os olhos. A vista não o suporta. Dir-se-ia um ouvido dilacerado pelo som estridente de uma trombeta. O olhar pestaneja e abandona-se às calmas profundezas do azul e do verde.”(KANDINSKY, 1912, p.58)

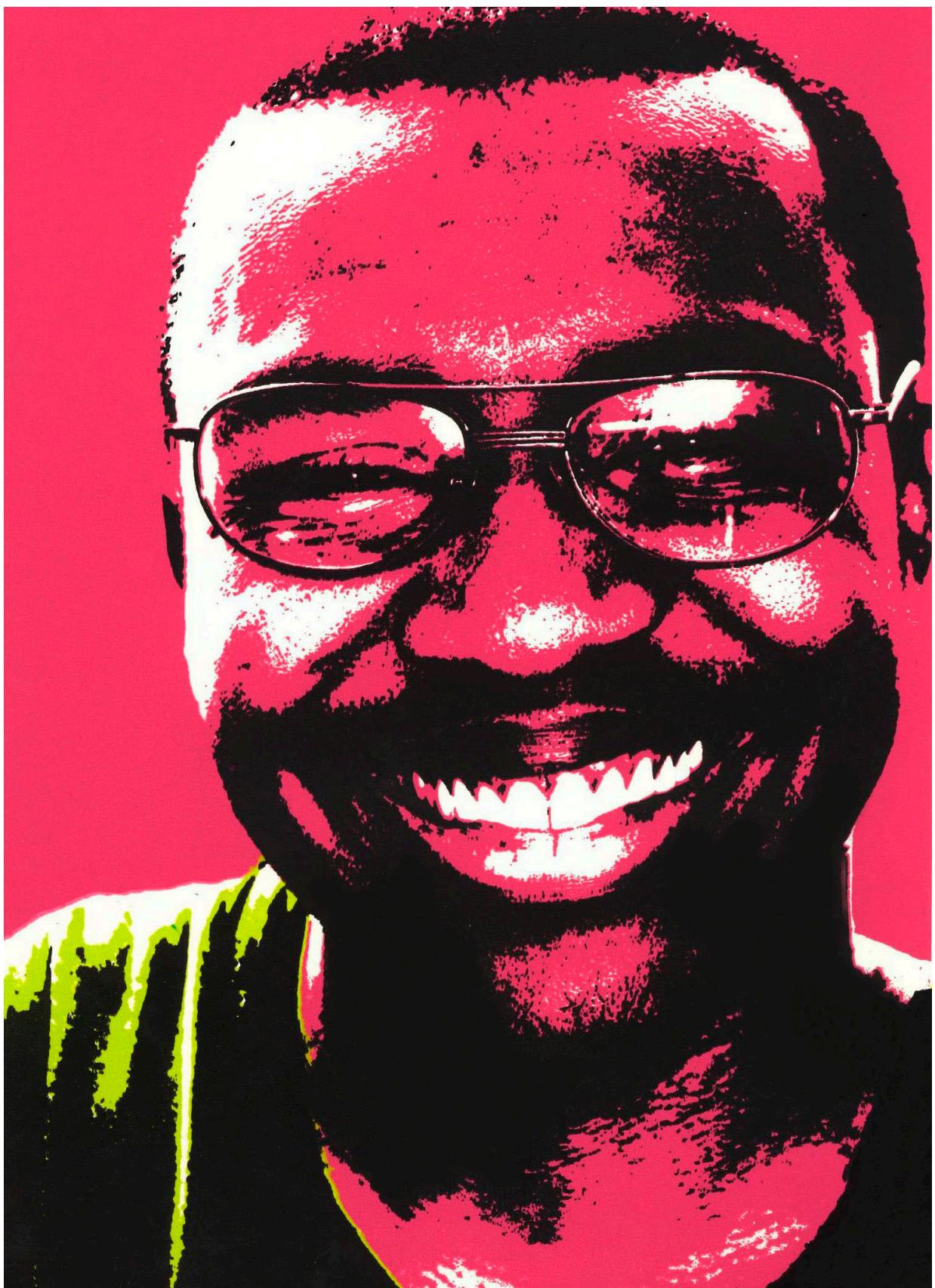


Figura 11- Bruna Maria, *Jovian*, 2012, serigrafia 35x21 cm.



Figura 12-Bruna Maria, *Carol*, 2012, serigrafia 35x21 cm



Figura 13-Bruna Maria, *Lili*, 2012, serigrafia 35x21 cm



Figura14-Bruna Maria, *Bella*, 2012, serigrafia 35x21 cm

A criação estética se faz de forma singular. Dois artistas verão um mesmo modelo de formas diferentes assim como também será diferenciada e particular, a percepção e apreensão da obra pelos seus espectadores.

Acredito que o primeiro sentimento aguçado pela obra é a intuição. Intuição segundo Bueno (1995, p.446) é : *Percepção clara, reta, imediata de verdades sem necessidade de intervenção só raciocínio; pressentimento.*

A intuição é perceptiva: quer dizer, ver, ouvir, tocar, cheirar, degustar significa ainda registrar o que passa na própria consciência do indivíduo que intui. (...) A existência, a experiência e o conhecimento são inconcebíveis sem a intuição. (GREENBERG 2002, p.37)

Segundo Greenberg (2002,p.37): *Ninguém é capaz de ensinar ou mostrar como se deve intuir.* A intuição estética é exclusivamente uma questão de valor e de valoração. A intuição do valor estético é um ato de gostar mais ou menos, ou não gostar mais ou menos. Aquilo que se gosta ou não remete a um conjunto de afetos. Immanuel Kant afirmava que o juízo do gosto sempre “precedia” o prazer obtido a partir do objeto estético.

Com as imagens finalizadas, foi marcado um encontro com o grupo para entregar-lhes o material e estipular algumas regras:

As imagens permaneceriam em posse dos mesmos durante quatro meses; após o período, eles deveriam encaminhá-las a mim.

Eles receberiam dois cadernos, onde registrariam suas experiências a partir das imagens; um deles continha uma série de perguntas que deveriam ser respondidas por todos, e um segundo seria entregue em branco, onde estariam livres para registrar suas experiências estéticas. Os cadernos foram desenvolvidos de acordo com as cores predominantes das imagens, ou seja cada participante recebeu os cadernos com as cores escolhidas por mim, para representá-los. Sendo assim, seria fácil fazer a correspondência entre os cadernos e as imagens sem uma identificação formal ou um conhecimento prévio de cada um dos jogadores.



Figura 15 - *Cadernos de Bordo*, fotografia

Junto às imagens foi produzido; também no processo serigráfico, uma série de dez postais com imagens coletivas do grupo, de meu acervo particular. Cada um dos seis participantes recebeu uma série destes postais.



Figura 16 - Bruna Maria, Série postais *Meu caro amigo, serigrafias*

A proposta era a seguinte: durante o período de posse das imagens, a comunicação referente a elas se daria apenas pela troca dos postais. Seria proibido o uso de qualquer meio de comunicação imediata como: redes sociais, e-mails, torpedos ou telefone. Também foi confeccionado pelos correios um selo personalizado para o envio dos postais. Este continha uma fotografia do grupo, que foi capturada no dia da entrega das serigrafias.

Foi proposto que durante o período de posse das imagens, elas fossem afixadas em algum local onde os participantes pudessem ter um contato frequente com elas, caso contrário acreditava que o trabalho não se realizaria e temia que pudessem ser esquecidas no fundo de uma gaveta.



Figura 17 - Fotografias enviadas

Com as imagens prontas, decidi que ao invés de enviar-las pelos correios, marcaria um encontro para entregá-las pessoalmente. Como constei, não haveria palavras para descrever as inúmeras expressões registradas durante o primeiro contato com as imagens.

O encontro foi realizado no dia vinte e seis de janeiro em Divinópolis – cidade natal dos participantes, onde hoje residem apenas dois deles - recheado de surpresas e emoções. Certamente ninguém suspeitava o que aconteceria ali.



Figura 19 - Fotografia da série *Grande Encontro*

Então entreguei a cada um dos meus amigos um envelope com a série das seis imagens individuais, uma caixa contendo os dez postais, e dois cadernos em branco.

No primeiro contato a euforia foi grande, muitos risos, lágrimas, ansiedade para encontrar a sua imagem em meio a tantas coisas curiosas que queriam ver e entender.

Os primeiros comentários já eram previsíveis:

“Que trabalho mais maravilhoso, que criatividade, preciso mostrar para os outros. É a melhor recordação da minha vida! (Ana Carolina)

“Olhando as imagens pela primeira vez, me veio à cabeça, John, Paul, George e Ringo, uma imagem da coletânea #1 do Beatles, e é claro, o Jovian rindo da minha cara de ”The long and ending Road...” que incrível isso.” (Matheus)

“Sinto-me estranho com esse “carão”, esse sorrisão... ”. (Jovian)

“Adorei ser vista dessa maneira!” (Fernanda)

“Esse foi o melhor presente da minha vida!” (Elisangela)

“Pensei que ia receber uma foto minha tratada, por e-mail.” (Fernanda)

Logo percebi que como havia imaginado anteriormente, as imagens jamais iriam para um fundo de gaveta. Todos queriam emoldura-las, e como já esperado, solicitaram meu auto retrato em serigrafia para completar a série.



Figura 20 - Fotografia da série *Grande Encontro*

Após esse primeiro instante surgem vestígios de um conhecimento preexistente que imediatamente reconhece as imagens dentro do movimento no qual foram inspiradas. O nome de Andy Warhol aparece, e o artista fica em foco.

“... o Jovian, não sei se acho que é uma figura do Andy Warhol (nós todos), uma nova representação das latas de sopa Campbell, uma versão brasileira, vem Rio ,vem Mangueira. ”(Matheus)

“Andy Warhol é o artista que fez uma série com a Marilyn né?’ (Jovian)

Em seguida, toda atenção se volta para a curiosidade em conhecer como se dá o processo de produção das serigrafias. Os olhares são penetrantes, todos interessados em entender como foram realizadas.

Claro que a exigência da correspondência através dos postais incomodou os participantes, pois ninguém queria dispor deles sem a garantia de tê-los novamente. Mas em seguida, o apego foi revogado e dispuseram-se a encarar o desafio.

Durante os quatro meses em que estiveram com o trabalho, não recebi sequer um postal. Enviei a eles uma correspondência contendo os selos que havia prometido na esperança que se manifestassem.

Como era de se esperar, não funcionou! Em plena era tecnológica, e dos meios de comunicação imediatos, seria inviável querer que um grupo de jovens voltasse no tempo e aderisse ao velho deslocamento aos correios, e à demora da comunicação.

Percebi durante o período que havia vestígios de comunicação entre eles e tentativas de se comunicarem comigo. O primeiro passo para evitar que eles me encontrassem, foi encerrar minha conta nas redes sociais, dificultando assim o acesso.

A última cartada foi enviar-lhes um postal ameaçador, solicitando todos os postais, usados ou não! Mas realmente não alcancei sucesso. Depois de todas as tentativas terem sido em vão, tive muito receio de que o projeto não se concretizasse, que eles não estivessem envolvidos de fato, e eu não recebesse os cadernos.

Ao fim do prazo uma surpresa! Cinco dos seis participantes me mandaram as imagens, fotografias da instalação das mesmas durante o período em que estavam com eles, os cadernos, alguns mais escritos que outros, mas todos contendo experiências e memórias fantásticas. Alguns pediam para que os cadernos fossem devolvidos para que pudessem continuar relatando a experiência, outros me exigiram que o conteúdo fosse compartilhado com o grupo, fortalecendo uma ideia inicial, a produção de um livro de artista contendo todos os relatos deixados por eles.

“Bruna, certifique-se de que todos lerão isso!” (Jovian)

Mas o surpreendente foi que junto à entrega do material vieram também os postais escritos e destinados aos integrantes.

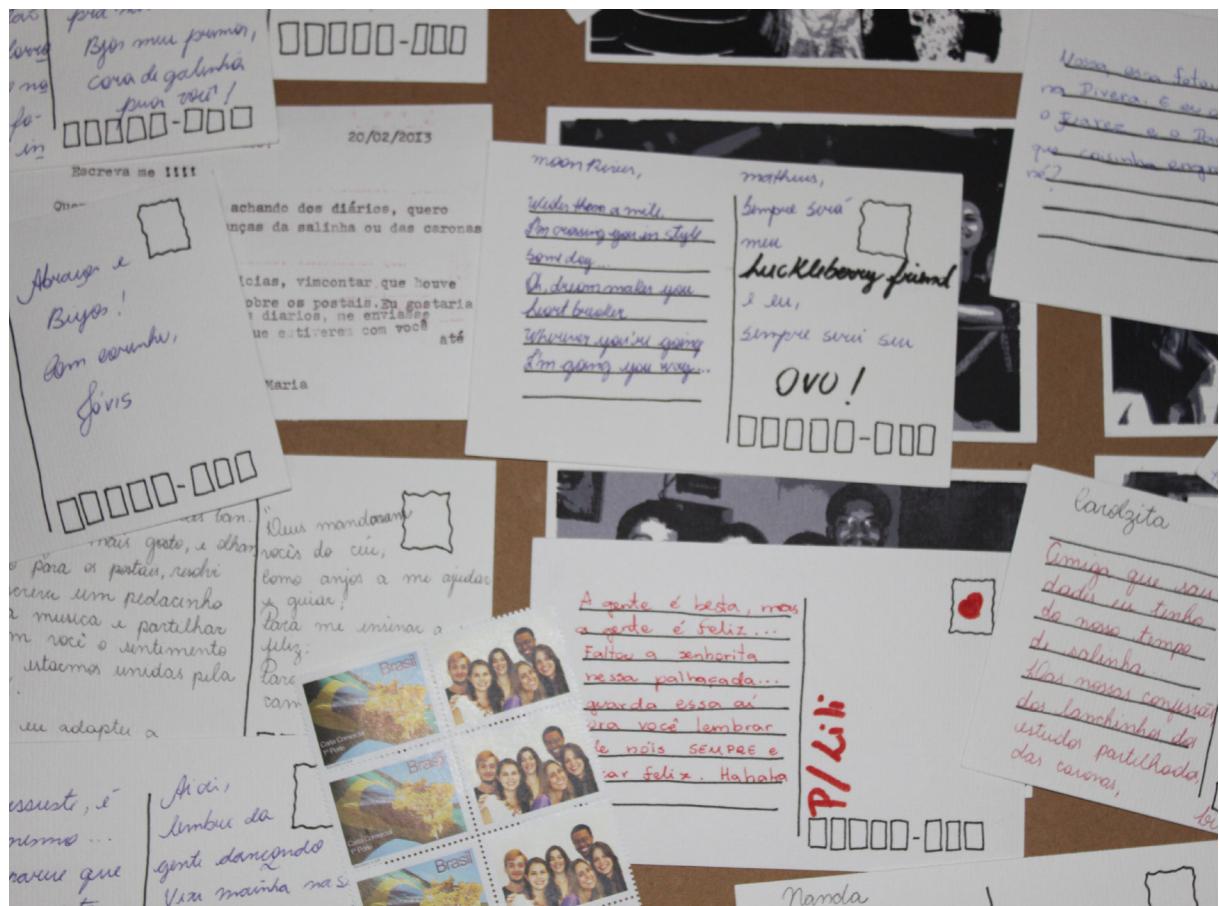


Figura 20 - Fotografia dos postais

Ao violar as páginas dos diários, certifiquei-me do quanto a arte pode ser libertadora, tomando consciência de que o grande objetivo era compartilhar o meu trabalho e através dele tentar alcançá-los e provocá-los a participar desse universo sensível.

O fato da arte não ter função determinada é o que permite ao espectador sentir-se potencialmente livre para interpretá-la.

“Compreendo muito mais profundamente a arte quando aceito o convite de participar ativamente dela. Acredito que todos nós somos artistas.” (Fernanda)

Essa liberdade não significa ausência de convenções, mas sim que estas não dão conta da situação experienciada, obrigando-nos a lidar com o que ainda não está nomeado.

Assim como Osório (2011,p.223), acredito que a “arte não pretende conscientizar, ela nem sempre carrega discursos que produzem efeitos políticos ou morais previsíveis. Ao contrário, ela desfaz a relação entre discursos e lugares, produzindo complexidade e atrito.”

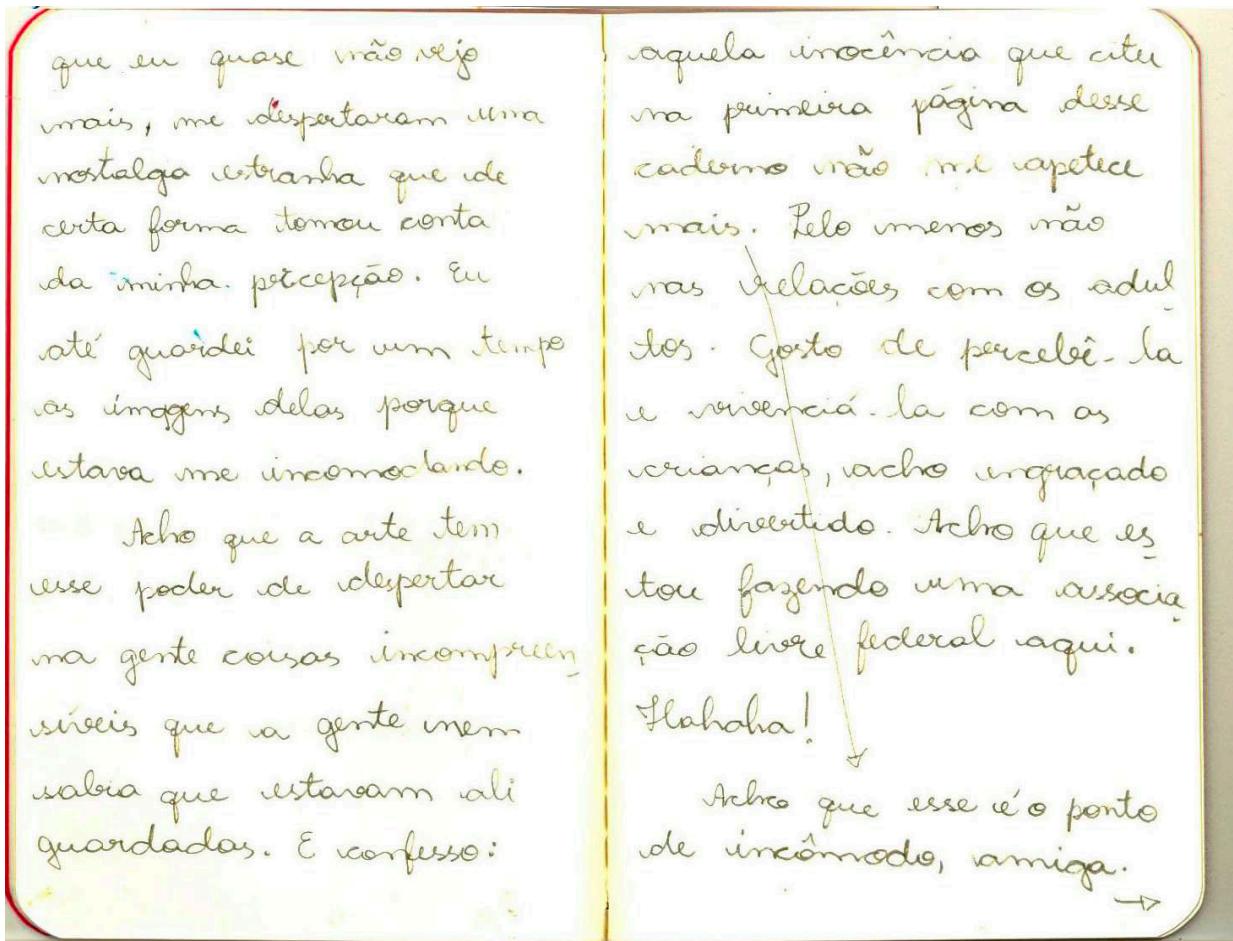


Figura 21 – Fernanda Caderno de bordo

“... não sei te dizer ao certo o que esse trabalho provocou em mim. Essa é a verdade. Mas acho que você não esperava nada ao certo, certo?

Confesso que senti muitas coisas estranhas olhando pra essas imagens todos os dias. Sensações nem sempre agradáveis, foi inevitável olhar para as imagens e ficar lembrando daquela época e da pessoa que eu era e deixei de ser, principalmente as fotos da Carol, Lili e Bella, que quase eu não vejo mais. Me despertaram uma nostalgia estranha que de certa forma tomou conta da minha percepção. Eu até guardei por um tempo as imagens delas, porque estava me incomodando. Acho que a arte tem esse poder de despertar na gente coisas incomprensíveis que a gente nem sabia que estavam ali guardadas. E confesso: aquela inocência que citei na primeira página desse caderno não me apetece mais. Acho que é esse o ponto de incomodo. Esse trabalho me remeteu a coisas dentro de mim que acho que foram embora ou pelo menos precisam ir (...) Acho que toda arte é política, mesmo que seja sem querer. Porque despertar sentimentos e sensações adormecidas é ato político. Bagunçar e incomodar é ato político, porque despertam a possibilidade de mudança.” (Fernanda Toledo)

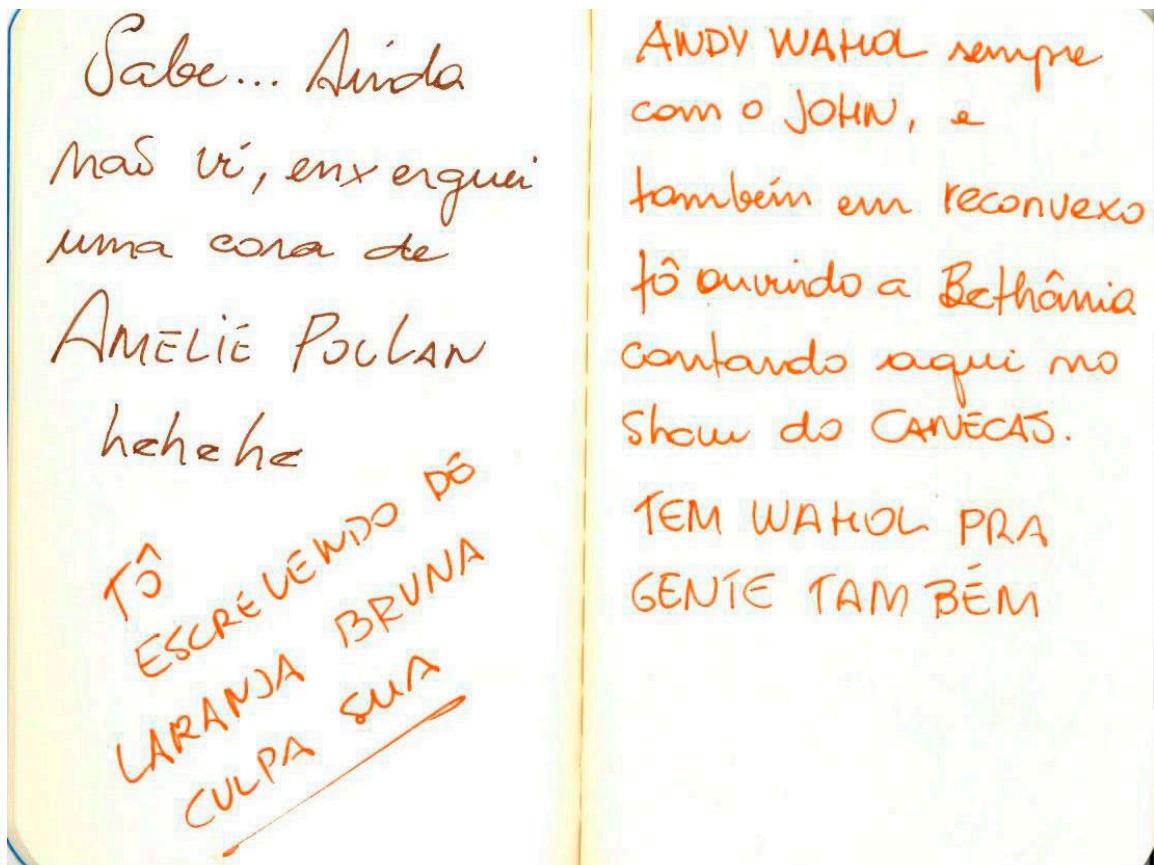


Figura 22 - Matheus, Cadernos de Bordo, 2013.

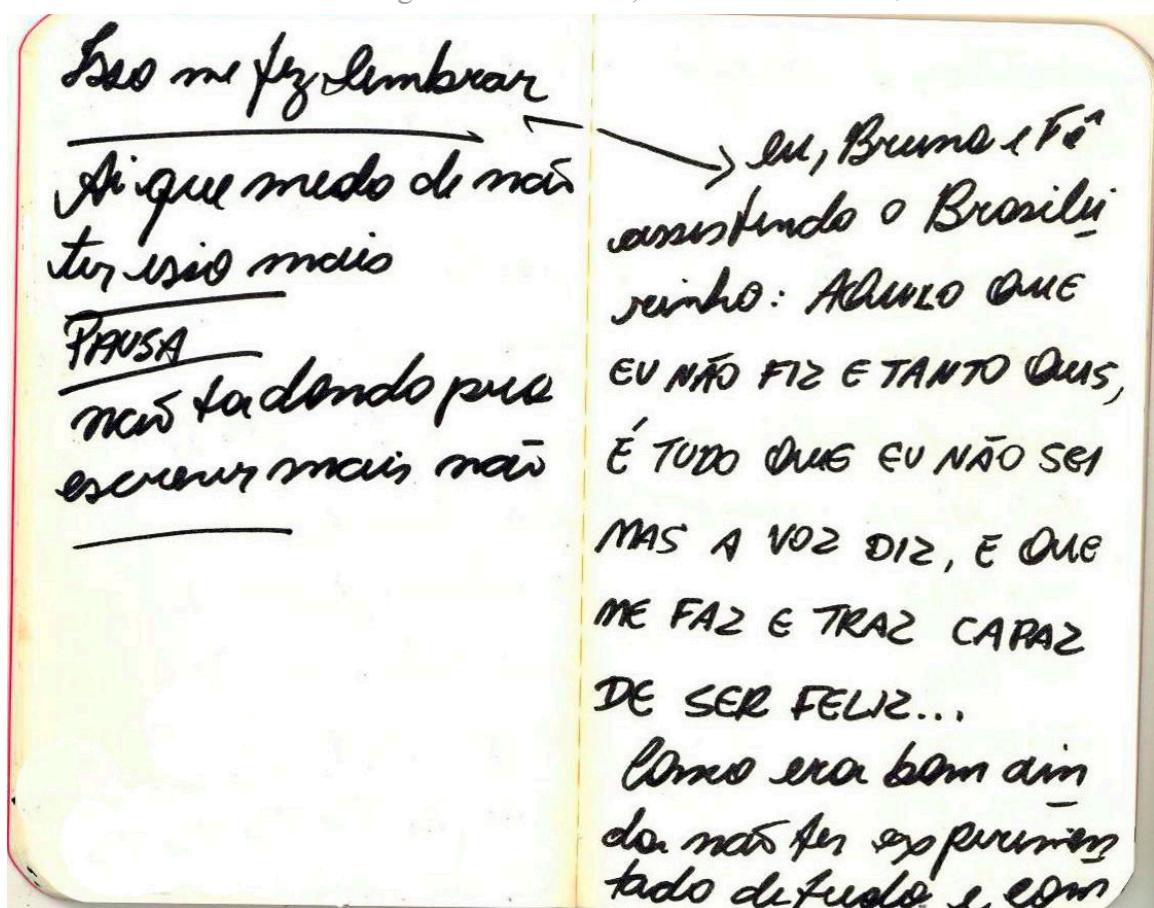


Figura 23 - Jovian, Cadernos de Bordo, 2013.



Esse tinta que ser pra você, né, paulin
Cipa? Tá aí todo vermelhão, na mara
da foto, com cara de galinha... como
eu poderia mandar esse, logo esse postal para
outro ver?

Estamos precisando marcar um forró, hein?
Mas de leve, porque a vila carona aquela
meio enterrada...

Precisamos de um novo "Grande Encontro".
Muita coisa mudou desde o último e
precisamos falar sobre nós mesmos...



Figura 24- Bruna Maria, *Postais*, 2012 ,serigrafia 14x10,5 cm



Carol

Acho essa foto bem
você... essa cara séria
de quem não tá só
o passado, achando
que a vida é rekreio... só quando pode...
mas olha pra coisas
bonitas, admira...
e brinca...



Figura 25- Bruna Maria, *Postais*, 2012 ,serigrafia 14x10,5 cm



Ah não, Keliwson! Que decepção!

Você acertou, amiga! Eu estava exatamente
esperando os setos! Hahaha...

Nós vamos te mandar todos os postais que recebermos?
É isso?

Nó, tá escutando um sambão da Mart'rolia e tá me
dando uma nostalgie lassada... pôxa. Acho que vou
mudar de música. Não sei se é a música ou a noite que
abre o coração... coloquei um Ney aqui e melhorou...
mas a noite é da escravidão mesmo, né... olha eu
divagando. Hahaha. Vou parar por aqui.

Beijo, amiga!



Figura 26- Bruna Maria, *Postais*, 2012 ,serigrafia 14x10,5 cm

Considerações finais

“Não basta consumir cultura: é necessário produzi-la. Não basta gozar arte: é necessário ser artista! Não basta ter ideias: é necessário transformá-las em atos sociais.” (BOAL, 2009)

Iniciei esse trabalho com o intuito de responder às questões que tanto me angustiavam. Queria entender o papel do espectador e comprovar que o olhar deste é tão importante para a obra como o dos representantes do mundo da arte.

Com a sua realização percebo que as questões que o motivaram não necessitam ser compreendidas de forma universal, não necessitam ser provadas ou concluídas, mas apenas buscam acalmar minhas inquietações.

Seria muita pretensão achar que seria capaz de responder tantos questionamentos, já que na experiência estética não há apenas “uma” resposta. Estas por sua vez se dão por meio de diversas interpretações e vivências particulares, das quais sinto- me satisfeita de ter compartilhado com esse público “intimo” e agora com vocês e outros possíveis públicos.

Durante o processo várias questões se apresentaram a partir de reflexões e questionamentos trazidos na “exposição” informal das serigrafias aos colegas de atelier, e através de leituras. Claro que nem todas foram respondidas, ao contrário, desencadearam outras mais, fazendo- me entender que são dessas inquietações que vivem os artistas.

Descobri que ser artista é estar sempre à beira do abismo, é sempre saltar em direção a este, sem entender ao certo o risco ao qual está se submetendo. É buscar implacavelmente respostas que nunca serão respondidas, mas que no decorrer do processo, aquelas que forem alcançadas serão propulsoras de novas inquietações.

Na minha opinião, o que diferencia o artista dos demais é a capacidade de transformar a “realidade” apresentando-a ou revelando-a de outra maneira. O artista, para mim, é esse ser que pretende ressignificar o mundo e de certa forma transformar as pessoas.

“Meu Deus, o quanto esse trabalho mexeu comigo. Desenterrou sentimentos latentes, nesse turbilhão de afazeres do dia a dia, nessa rotina maluca e corrida.” (Matheus)

E foi assim, folheando as páginas dos pequenos cadernos, observando os rabiscos e anotações deixadas pelos meus amigos onde revelavam um pouco da experiência sensível proporcionada pelo meu trabalho, que percebi o quanto é importante trazer o público comum, ou seja, não “profissional” para a minha produção. O quanto tenho necessidade de expandir a arte e proporcionar um pouco da experiência trazida por ela para as pessoas que estão à minha volta.

REFERÊNCIAS

- Aristóteles: CLARET, M. *Arte poética*. São Paulo: Martin Claret ,2003. 150p. (Coleção a obra-prima de cada autor; 151)
- ARNHEIM, R. *Arte e percepção visual: uma psicologia da visão criadora: nova versão*. São Paulo: Thomson, 1980. 503p
- BOAL, A. *A estética do oprimido: reflexões errantes sobre o ponto de vista estético e não científico*. Rio de Janeiro: FUNARTE: Garamond, 2009. 253p
- COSTA, T. R. da *A CONSTRUÇÃO DO POPSTAR* Revista Anagrama: Revista Científica Interdisciplinar da Graduação Ano 3 - Edição 2 – Dezembro de 2009 - Fevereiro de 2010
- DUCHAMP. M. O ato criador in: BATTCOCK, Gregory. *A Nova Arte*. São Paulo. Perspectiva:2004
- GREENBERG, C. *Estética Doméstica: observações sobre a arte e o gosto*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002. 287p
- HEGEL, G.W.F. *Estética: a ideia e o ideal; Estética: o belo artístico ou o ideal*. São Paulo: Nova Cultura, 2005 464p
- KANDINSKY, W. *Do espiritual na arte e na pintura em particular*. São Paulo: 1990. 254 p. (Coleção A)
- KANT, I. *O belo e o sublime: (ensaios de estética e moral)*. Porto: Educação Nacional, 1942. 102.
- MANGUEL, A. *Lendo imagens: uma história de amor e ódio*. São Paulo: Companhia das letras, 2001. 358p
- OSORIO.L.C Da arte e do espectador contemporâneos: contribuição a partir de Hannah A. e da Crítica do Juízo. *O Que nos faz pensa*. Rio de Janeiro, v1, n 29, p. 219-234, maio 2011.
- OSORIO, L.C. *Razões da crítica*. Rio de Janeiro: J.Zahar, 2005. 70p

OSTERWOLD, T. *Pop art. Koln*: Taschen, c1994. 240p

PEDROSA, I. *Da cor a cor inexistente*. Rio de Janeiro: Léo Christiano Editorial c1977. 219p

SEGRE, C. *Os signos e a crítica*. São Paulo: Perspectiva, 1974. 295p

SOUZA, J.K.P de; HUCHET, S. *O Jogo do diálogo: algumas indagações sobre a relação entre autor, obra e espectador*. 2007. 120 f. Dissertação (mestrado)- Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Belas Artes, 2006

WOLLHEIM, R. *A pintura como arte*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002 384p.